

WINNICOTT, O T.S. ELIOT DA PSICANÁLISE

Hélio Bais Martins Filho¹

1 Médico psiquiatra e psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Winnicott: o psicanalista do paradoxo. Talvez o mais otimista, o mais ligado à criatividade e à vida.

Clare Winnicott em um belo artigo chamado "Uma reflexão" nos conta que o título de sua autobiografia ia ser "Nada menos que tudo" e na aba interna do caderno em que ele a preparava encontrava anotado:

T.S. Eliot "Custando nada menos que tudo
O que chamamos começo é amiúde o fim
E chegar a um fim é chegar a um início
É do fim que começamos"

Prece - Oh, Deus! Possa eu estar vivo quando morrer"

Li Winnicott orientado por algumas premissas (pré conceitos?). A primeira é de que ele era um psicanalista com uma preocupação humanística global. Esteve sempre interessado em como alguém vira um ser humano, em como este ser humano se vira na cultura e no ambiente. Outra é de que sua base teórica era a observação da criança em consultório e a observação de situações criadas, e não situações puras. Inglês típico, foi influenciado pela cultura inglesa: a importância da observação, a importância da independência, um modelo do indivíduo onde a independência e a capacidade de viver sozinho sejam essenciais, são bons exemplos desta forma inglesa de ser.

É, porém, o papel criador do paradoxo que mais me chama a atenção e que eu gostaria de deixar sublinhado. Em Winnicott as coisas são e não são ao mesmo tempo. A existência é marcada por um ser e não ser e o próprio paradoxo encontra um lugar para habitar: a terra do nunca da psicanálise, o espaço potencial, lugar intermediário, reino da fantasia entre o real e o alucinado.

A citação de Clare Winnicott é instigante e encerra novos paradoxos: "É do fim que começamos".

Reconho novamente a T.S. Eliot para chamar este fim de onde começamos e puxar um fio de meada que me faça chegar à teoria do *self*, pretendo objeto deste estudo, e do artigo que eu devo prestar conta.

T.S. Eliot. - OS HOMENS OCOS

I

Nós somos os homens ocos
Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!
Nossas vozes dessecadas,
Quando juntos sussurramos,
São quietas e inexpressas
Como o vento na relva seca
Ou os pés de ratos sobre cacos
Em nossa adegas evaporada

Forma sem forma, sombra sem cor;
Força paralisada, gesto sem vigor;

Aqueles que atravessaram

De olhos retos, para o outro reino da morte
Nos recordam - se o fazem - não como violentas
Almas danadas, mas apenas
Como homens ocos
Os homens empalhados.

V

Aqui rondamos a figueira-brava
Figueira-brava figueira-brava
Aqui rondamos a figueira-brava
Às cinco em ponto da madrugada

Entre a idéia
E a realidade
Entre o movimento
E a ação
Tomba a sombra

Porque Teu é o Reino

Entre a concepção

E a criação
Entre a emoção
E a reação
Tomba a sombra

A vida é muito longa

Entre o desejo
E o espasmo
E a existência
Entre a essência
E a descendência
Tomba a sombra

Porque Teu é o Reino

Porque Teu é
A vida é
Porque Teu é o

Assim expira o mundo
Assim expira o mundo
Assim expira o mundo
Não com uma explosão, mas com um suspiro.

Qual é o fim de onde tudo começa? O que “tomba a sombra?”

Em seu livro “Natureza humana” escrevendo sobre a fase depressiva Winnicott lembra:

“O elemento central negado na defesa maníaca é a morte no mundo interno, ou um entorpecimento que a tudo abarca; já a ênfase na defesa maníaca recai sobre a vida, a vivacidade. A negação da morte como fato básico da vida”. (grifo meu)

Estamos aqui diante de novo paradoxo? Aquele a quem eu considero o psicanalista da criatividade e da vida começa pela morte? Eu acho que sim. No entanto, é para uma morte deslocada para o real, para o externo, como fato básico da vida. Nele, a experiência de viver e a capacidade de “experimentar a vida” necessita de mediação de elementos lúdicos e ilusórios, necessita de apoio e amparo. A passagem que leva o lactente a constituir-se em um ser humano, vivo, passa pelo fato de que ele tem que ser ajudado a encarar este par de contrários: vida e morte, procurando compor um espaço onde o real e a fantasia o ajude a construir uma realida-

de vivencial e a experimentá-la.

Vocês já perceberam que eu, enfocado no texto sobre o verdadeiro e falso *self*, vou partir para um desvio. É que não posso comentar a teoria do *self* e, nela, o que tem de interessante sobre a mente e o psiquesoma sem ganhar um atalho pela teoria do espaço potencial é um desvio obrigatório, uma parada para jogar e brincar.

Pelo atalho do real

Para Winnicott o real não nos é dado de uma forma unívoca. A criança precisa chegar a ele. No entanto, tudo acontece como se o real não fosse acessível na sua totalidade e, muito menos, de uma maneira direta, não mediatizada. Embora partindo de Freud, não podemos dizer que as formas freudianas de acesso à realidade dêem conta do esquema winnicottiano.

A experiência com o real e a via de acesso a ele se dá mediatizada e em um espaço potencial, uma espécie de zona intermediária entre a realidade e a fantasia, onde, através do espaço-tempo de jogar e brincar, vai-se criando maturidade para a experiência do "sentimento de realidade". Quero chamar a atenção para o fato de que este acesso à realidade é sempre mediatizado e que nos dois extremos da equação existem inacessibilidades: tanto o real quanto o central *self* são inatingíveis.

O homem precisa brincar.

O modo Winnicott de acesso ao real implica na criação de uma realidade transicional, "realidade de objetos criados e encontrados no brincar". O espaço intermediário, potencial ou "o terceiro mundo", localizado entre a realidade e a fantasia, será o espaço onde uma vida bem sucedida dar-se-á. Por paradoxal que seja, o acesso bem sucedido e criativo à realidade e seu uso, se dá no mundo "ilusório".

Winnicott usa a palavra ilusão de um modo diverso do que esta é comumente utilizada. Serve lembrar que ilusão vem do latim *illudere*. Ludibriar, lidar ludicamente com. O homem que não adquire ou perde a capacidade de brincar e iludir-se, morre prematuramente; sofre de morte psíquica de ausência de autenticidade.

O verdadeiro e o falso *self*

Vê-se no texto que Winnicott correlaciona a idéia inicial de

verdadeiro e falso *self* com Freud. Relaciona-a com a "divisão de Freud do *self* em uma parte que é mental e controlada pelos instintos e a parte orientada para o exterior". Entendo que aí haja uma correlação, um ponto de partida. No entanto, Winnicott prossegue na caminhada e cria conceitos originais.

A teoria do *self* nasce do exame das primeiras relações objetais. É da observação da dupla mãe-criança e nesta relação que o conceito é concebido.

Antes de chegar ao conceito, é preciso notar que ele é dialético: não faz sentido um *self* verdadeiro, sem a existência de um falso. Ele é paradoxal: o verdadeiro alucina e o real é falso. Ele é dinâmico: pode ser visível dentro da dinâmica da unidade winnicottiana mãe-criança.

O *self* verdadeiro encerra com ele outro conceito, o de espontâneo. O *self* verdadeiro pode ser definido como aquele capaz do gesto espontâneo. "Periodicamente um gesto do lactente expressa um impulso espontâneo; a fonte do gesto é o *self* verdadeiro, este gesto indica a existência de um *self* verdadeiro em potencial".

O gesto espontâneo vem da fusão de elementos motores e eróticos (ou associação sensório-motora) e é marcado pela onipotência da criança.

A mãe joga um papel essencial.

Se a mãe é suficientemente boa e acolhe o gesto espontâneo, não colide com a onipotência da criança, estes serão bem sucedidos. O *self* verdadeiro tem espontaneidade e a operação tem sucesso. Qual sucesso? "O lactente pode agora gozar a ilusão do onipotente criando e controlando, e pode então gradativamente vir a reconhecer o elemento ilusório, o fato de brincar e imaginar. Isto é a base do símbolo que de início é, ao mesmo tempo, espontaneidade e alucinação, e também, o objeto externo criado e finalmente catexizado".

Se a adaptação da mãe não é suficientemente boa, este processo não tem êxito. O lactente permanece isolado e sobrevive falsamente. Ou seja, o lactente é "seduzido à submissão" e um falso *self* submisso reage às exigências do meio e o lactente parece aceitá-las, no dizer de André Green: o falso *self* é a identificação da criança com o objeto de desejo da mãe. A mãe não suficientemente boa ao não acolher o gesto espontâneo impõe o próprio gesto. Aqui acontece a intrusão, a demolição da espontaneidade, a im-

possibilidade da autenticidade. (O encontro com a realidade não mediada.)

Porém é preciso ressaltar: todos temos um falso *self*, todos temos a nossa capacidade de adaptação e dependemos de um falso *self* capaz. O que pode acontecer é o *self* verdadeiro submergir e ser então totalmente tiranizado pelo falso. Neste caso, o sujeito vir-se-á limitado na criatividade, e estará impossibilitado de se sentir vivo, criativo e autêntico. (Ocorre a tão temida morte prematura, ou morte psíquica de Winnicott.)

A unidade psíquica

Winnicott acreditava no sucesso da operação humana. Acreditava na possibilidade de uma saúde psíquica baseada em um desenvolvimento normal. Usava o termo psicossoma "com a intenção de preservar o relacionamento fundamental que, na saúde, se estabelece e se mantém entre o corpo e a psique". Este relacionamento alcança, através da integração, uma espécie de unidade entre diferentes, onde a psique se forma a partir do "material fornecido pela elaboração imaginativa das funções corporais" e da saúde do corpo, ou mais especificamente do cérebro.

A psique está unida ao corpo, em relação com tecidos e órgãos, embora sejam diversos e por vezes antagônicos. Esta união, ou entrelaçamento, é enriquecida por um relacionamento produzido pela fantasia e pela mente do indivíduo.

A mente aparece como um ornamento da psique, uma parte especializada desta. Ele diz que "damo-nos ao luxo de fantasiar um local, que chamamos de mente, onde trabalha o intelecto, e cada indivíduo localiza a mente em algum lugar, onde ele sente um esforço muscular ou uma congestão vascular no momento de pensar". Há na saúde uma intimidade visível e respeitosa no psicossoma.

Quebrado o equilíbrio, cessa a harmonia e o bom relacionamento entre estes diferentes. Um exemplo: uma vez falho o apoio maternal e formado um falso *self* patológico, este pode tomar de assalto a mente, ocupá-la, e daí desenvolver uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática. Onde havia harmonia e respeito, passará a haver tirania e desprezo, em lugar de paz, guerra.

Referências Bibliográficas

WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas D. W. Winnicott*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994

GROLNICK, Simon A. *Winnicott, o trabalho e o brincar: uma leitura introdutória*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993

ELIOT, T.S. *Poesia*, Nova Fronteira, 3a. edição, 1981

LOPARIC, Zeljko. "Winnicott e Heidegger: Afinidades", in: *Boletim de Novidades da Pulsional*-Ano VIII, número 69, janeiro 1995